

Fazenda, 7,6,1914

Rangel:

Temos contas a justar. Pena é que a Odete, um restolho feminino que veio engordar aqui, me esteja azucrinando os ouvidos com uma valsa d'*O Malho*. Tilita-me a ideia, dá-me nós no fio das ideias. E vem-me uma interrogação: será que a existencia de Guiomares Novais compensa a existencia de Odetes pianoteiras? Além do piano da Odete ha uma pulga que conspira contra você, Rangel. Está nas minhas costas, lá onde a mão não alcança. Odete e pulga não querem que eu te escreva...

Da tua carta, modelo de ironia fina aliás, vejo que o juizado, mais Sapucaí, mais a luz eletrica, estreitaram um tantinho o ambito das tuas ideias. Acenas-me com um tipo, com um molde, com uma fôrma de literato que é a que conformou Artur Goulart e que hoje é o *garni* de inumeros pretendentes á gloria. De passagem para a Vida, recém-saidos da Cartilha, é habito da nossa rapaziada, ao mesmo tempo que fuma o primeiro cigarro e se inicia com a primeira mulher, fazer o primeiro soneto ou conto. Se o rapaz é de boa estirpe e sadio, faz essas coisas e passa adiante, entretido com outras muito diferentes. Convence-se por intuição de que a Gloria é um pau-de-sebo com uma nota falsa na ponta. Mas se é um taradinho, se é um Macuco, insiste em subir pelo pau-de-sebo para pegar a nota_ e besunta a cara e a roupa, enseba-se. E se é um tarado integral como o velho Goulart, que Deus haja, fica naquilo a vida inteira, obcecado pela nota falsa. Goulart morreu ao pé do pau-de-sebo, e morreu ensebadissimo. Será Rangel, que você me inclue nessa classe?

Vou explicar-me. Acho que quem escapa de ser uma simples unidade na mediania do *vulgum pecus* é porque tem lá nas circunvoluções cerebrais um boleadozinho mais favoravel. Disso vem a essa criatura o anseio e o direito de viver a sua vida, e não a do rebanho. Este viverá a vida preestabelecida pela tradição ou pelo interesse dos pastores que o tangem. Ora, nós dois, Rangel, temos a coisa favoravel lá nas circunvoluções; e portanto nós gosamos da regalia de seguir no rumo da estrada real por onde seguem os carneiros, mas fora de forma, fora da massa de "més", por atalhos ou picadas laterais que vamos abrindo. Temos direito ás nossas venetas!

Viver a sua vida é o supremo programa da vida. Mas o clan dos que vivem a sua vida é da mais tremenda variedade. Antonio Silvino, Olavo Bilac, Pinheiro Machado, Godo Rangel, coronel Rondon, Maria Lina, Edú Chaves, Monteiro Lobato, eis alguns representantes dessa classe de privilegiados, que criam os deuses á sua imagem e caminham na vida como franco atiradores, vendo de longe o desfile dos batalhões cerrados que ao som dos tambores da Moral e da Religião marcham suarentos para o grande destino comum da Morte. Nós tambem vamos para lá_ mas

não em nenhum passo-de-ganso. Vamos caminhando gostosamente. Aqui nos detem uma flor. Colhemo-la, aspiramos-lhe o perfume, e ficamos a analisar as associações de ideias que a côr, o aroma e a forma das pétalas nos provocam. O nosso cérebro sente o prazer de tal exercício. Mais adiante, um pôr-do-sol nos faz sentar numa pedra e lá nos acodem os devaneios. Se somos Antonio Silvino, vamos enfrentar uma escolta do governo que vem em tal direção_ e antegosamos a delícia da vitória. Se somos Rondon, o que nos interessa agora é descobrir uma nova maloca de índios nús. Para Maria Lina será mais uma vez convencer-se de que é linda e serpentina, pelos olhares babosos que vê nos homens da plateia. E Edú sonha varar de S. Paulo ao Rio pelo ar sem cair pelo caminho. E que faz Rangel lá num fundão mineiro? Aperfeiçoa o seu instrumento de expressão, como Stradivarius aperfeiçoava os seus violinos. E que faz Lobato no Buquira? Vive contente como um passarinho, a debater com Rangel coisas de que o mundo não desconfia_ e que para o mundo não têm o mínimo valor.

Nós, Rangel, nós todos do Atalho, vivemos as nossas vidas. Uma revolução muda as instituições dum país? Nós perscrutamos a essência recondita do fato, vemos as coisas que o rebanho não vê e passamos adiante, com a atenção atraída por um beijaflor evidentemente parado no ar. Sim, eles e as varejeiras sabem ficar paradinhos no ar, por meio da vibração das asas. Por que não também o homem, o qual já começou a voar? E ou nós nos metemos na peleja e vamos chefiar o movimento e colher os despojos da vitória, ou vamos escrever os *Sertões*. Ora roubamos, ora matamos, ora somos o Marquês de Sade, ora Cesar Borgia. O que não somos nunca é ovelha_ fiel ovelha do Santo Padre, de S. M. o Rei, do Partido, da Convenção Social, dos Codigos da Moral Absoluta, do Batalhão, de tudo que mata a personalidade das criaturas e as transforma em numeros.

Destes discolos, que a grande massa humana a seguir pela estrada real olha com desconfiança e inveja, um como você, escolhe como instrumento da afirmação propria o livro, e com livros gritará para o mundo: “Sou assim, vejo assim, imagino, quero, sonho assim”. A tua prancha de saltar é o prelo; o teu fim, uma imposição da personalidade. Vitória ou derrota virão do bom ou mau malabarismo que fizeres com as palavras. Outros como Antonio Silvino, queimam fazendas e berram para o país: “Eu sou assim, mato e esfolo!” O fim de Silvino é identico ao de Rangel: afirmar-se. Apenas usa a faca e o trabuco em vez do malabarismo dos vocabulos. E como se afirma o Pinheiro Machado? Fazendo e desfazendo leis, servilizando um Congresso, maquiavelizando, subjugando uma nação como o domador faz a um potro. E grita: “Eu sou assim. Domino, quero e mando. Afirmo a minha personalidade e divirto-me com fazer-me leão desta sordida carneirada legislativa”. Outros desprezam a plateia; são o que são para si sós, sem publico, e vivem suas vidas individualissimas

por força do incoercível individualismo e nada mais. Quantos fazendeiros não ha por aí tremendamente eles-mesmos, superiormente eles-proprios perante a sua consciencia, os seus colonos, os seus porcos de ceva? Estes homens dispensam plateias. São indiferentes ao barulho chamado “palmas” e ao barulho “assobios”. *Sono sodisfatto di me e basta*. Eu, Rangel, ainda ando nesta turma, contente comigo mesmo e vivendo uma bela vida mental, tendo á minha disposição maravilhosos livros e passarinhos, perfeita companhia e flores, porcos que engordam gostosamente na ceva e uns filhinhos viçosos. Vivo no mar do *Joie de Vivre* de Zola. Ás vezes passa-me a ideia de agarrar palavras, fixa-las e, ao teu modo, dizer ao mundo: “Sou assim, quero assim, não tenho contas a te prestar, irmão, não te lisonjeio nem te satisfaço o paladar, ó carneirada feia! Não escrevo para ti, nem aspiro ao teu aplauso. Apenas satisfaço uma necessidade organica, sem visar coisa nenhuma”. Pura fisiologia. Tal qual o homem que nos braços duma mulher chega ao momento da explosão da Via Latea por amor do amor, por pura fisiologia_ não vendo o provavel filho resultante.

Rangel, Rangel, o piano da Odete continua a esfuracar-me os miolos. Ela malha-me com a valsa d’*O Malho*. Proibir o piano ao *vulgum pecus*, como a Igreja lhe proibe a liberdade de pensamento... Em S. Paulo ouvi Guiomar Novais em casa do Gelasio Pimenta; sentei-me ao lado dela para bem ver e ouvir_ e a proposito escrevi um artigo no *Correio Paulistano*, a primeira coisa na vida que assinei com meu nome inteiro. Que divina pianista! Desses mesmos sons azucrinantes da Odete ela faz uma nuvem de gaze em que a nossa alma se rebola em deliquio. Assim tambem com as mesmas palavras com que o Geraldo saúda o bandeira, Olavo Bilac nos conta divinamente o julgamento de Frineia.

Rangel, Rangel! Receio que os autos forenses, que Sapucaí e a luz eletrica te hajam encolhido as ideias, já disse. Julgas-me então um *raté* pelo simples fato de não haver nas livrarias uma brochura amarela com o meu nome na capa? F. F. tem lá brochuras com o seu nome esse, sim, Rangel, é o *raté* dos *ratés*. *Raté*, eu? Mas como, meu bobinho, se *vivo a minha vida*? *Ratés* são os que querem uma coisa e sai outra. O Goulart e o Macuco eram *ratés* porque queriam ser genios e os quatro pés não deixavam. Um rebelde nunca é um *raté*. Só o será se quiser ser rebelde e permanecer escravo.

Recomecemos, caro Rangel. Vamos por diante com a nossa eterna correspondencia. Eu prefiro um leitor como você aos tres milhares que vais ter n’*O Paiz*. Dá-me mais prazer escrever-te do que escrever livros. Talvez que um dia, quando não te tiver mais como o meu publico, talvez eu tome para meu uso o Publico. Sei que será passar de cavalo a burro, mas é corrente aqui na roça que trocar de montaria descansa. Vamos lá, meu publico, meu leitor unico! Aguenta-me em teu lombo! Sigamos os dois como

até aqui, peripateticamente, a debater frivolidades e a repastar as misteriosas exigencias mentais dos nossos eus, apesar das centenas de quilometros que nos separam. A separação é apenas geografica_ a menos separante das separações. Esta nossa caminhada já vem de dez anos. É provavel que um dia nos separemos *nel mezzo del camin...* na encruzilhada da Sacidadade ou no pouso do Nada-Vale-a-Pena. Mas em que quilometro ficam essa encruzilhada e esse pouso? Não sei. Talvez para além da nossa vida_ e morreremos sem te-los alcançado.

Continuemos, Rangel. A grande coisa numa viagem não é o chegar_ é o ir.

LOBATO